

Álvaro de Campos

**Depois de não ter dormido,**

Depois de não ter dormido,  
Depois de já não ter sono,  
Interminável madrugada em que se pensa sempre sem se pensar,  
Vi o dia vir  
Como a pior das maldições —  
A condenação ao mesmo

Contudo, que riqueza de azul verde e amarelo dourado de vermelho  
No céu eternamente longínquo —  
Nesse oriente que estragaram  
Dizendo que vêm de lá as civilizações;  
Nesse oriente que nos roubaram  
Com o Conto do Vigário dos mitos solares,  
Maravilhoso oriente sem civilizações nem mitos,  
Simplesmente céu e luz,  
Material sem materialidade. . .  
Todo luz, mesmo assim  
A sombra, que é a luz da noite dada ao dia,  
Enche por vezes, irresistivelmente natural.  
O grande silêncio do trigo sem vento,  
O verdor esbatido dos campos afastados,  
A vida e o sentimento da vida.  
A manhã inunda toda a cidade.  
Meus olhos pesados do sono que não tivestes,  
Que amanhã inundará o que está por trás de vós.  
Que é vós,  
Que sou eu?

5-9-1934

Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 199.